



PROJETAR - 2015

Originalidade, criatividade e inovação no projeto contemporâneo:
ensino, pesquisa e prática. Natal, 30 de setembro a 02 de outubro.

ARQUITETURA SOCIAL: Renovação ou extinção do projeto como locus da prática arquitetônica

SOCIAL ARCHITECTURE:

Renewal or extinction of design project as the locus of architectural practice

ARQUITECTURA SOCIAL:

Renovación or extinción del proyecto como el locus de la práctica arquitectónica

MIRANDA, Juliana Torres de

Doutora em Arquitetura pela USP, Universidade Federal de Minas Gerais, jutorres.miranda@gmail.com

RESUMO

Presenciamos, nos últimos anos, uma inflexão nos discursos produzidos no campo da arquitetura em direção a um engajamento político, no abarcamento de problemas relativos a desigualdades sociais, segregação e deterioração ambiental, refletidos e engendrados pelos processos de produção de espaço. Uma crescente crítica à vinculação da arquitetura notável aos modos de privatização e segregação do espaço, aos meios de dominação do capital, é contraposta a um crescente interesse e debruçamento sobre o problema da habitação social, das ocupações urbanas, das apropriações democráticas do espaço público, do direito à cidade. Nesse engajamento, que é profissional, político e ideológico, os limites da atuação do arquiteto se dissolvem perante campos da arte, da economia solidária, do design, do ativismo. A atividade de projetar, tal qual a concebemos tradicionalmente na disciplina, é profundamente afetada nesta busca por táticas e estratégias de enfrentamento desses desafios. Muito do que tem sido produzido, defendido e publicado pelas novas gerações de arquitetos agrupados em coletivos, junto com artistas e outros atores, é dificilmente aceito como projeto. Neste texto, discuto alguns contornos desta tendência ao qual chamo de arquitetura social e suas repercussões na maneira como pensamos o projetar. Em seguida, debruço-me na questão a partir da apresentação e reflexão sobre minha experiência em programa de extensão de natureza socioambiental, em que arquitetura e urbanismo se dissolvem junto aos universos da arte, artesanato e ativismo social: o Programa DESEJA.CA_Desenvolvimento Sustentável e Empreendedorismo Social no Jardim Canadá.

PALAVRAS-CHAVE: arquitetura social; projeto; extensão universitária; ativismo urbano.

ABSTRACT

We have witnessed in recent years, an inflection in the speeches made in the field of architecture towards a political engagement, encompassing the problems related to social inequality, segregation and environmental deterioration, reflected and caused by the social production of space. A growing criticism of the remarkable architecture bindings to space segregation, to the capital domination, is opposed to increasing interest on the problem of social housing, urban occupations, democratic appropriation of public space, the right to the city. In this engagement, that is professional, political and ideological, the architect performance dissolves its boundaries before the fields of art, solidarity economy, design, activism. The activity of design, like traditionally conceived in the discipline, is deeply affected by this kind of praxis. Much of what have been produced, defended and published by the new generations of architects grouped in collectives, along with artists and other actors, it



PROJETAR - 2015

Originalidade, criatividade e inovação no projeto contemporâneo:
ensino, pesquisa e prática. Natal, 30 de setembro a 02 de outubro.

is hardly accepted as a project. In this paper, we discuss some contours of this trend which I call social architecture, and its repercussions on the way we think about design. Then, I approach this subject by the perspective of my experience in a socio-environmental program, in which architecture and urbanism are dissolved into the limits of art, crafts and social activism: DESEJA.CA _ Sustainable Development and Social entrepreneurship in the Jardim Canadá Program.

Directrices, sumisión, artículo.

KEY-WORDS: *social architecture, ethics, university extension; urban activism.*

RESUMEN

Presenciamos en los últimos años, una inflexión en los discursos en el campo de la arquitectura hacia un compromiso político, que abarca los problemas relacionados con la desigualdad social, la segregación y el deterioro del medio ambiente, que refleja y son generados por el proceso de producción del espacio. Una crítica creciente de los enlaces de la arquitectura notable a los modos de privatización y segregación del espacio, a la dominación de los medios del capital, se opone a lo creciente interés por el problema de la vivienda social, ocupaciones urbanas, apropiación democrática del espacio público, el derecho a la ciudad. En este compromiso, que es profesional, político e ideológico, los límites del campo de actuación del arquitecto se borran con los campos del arte, la economía solidaria, el diseño, el activismo. La actividad de proyecto, como el que tradicionalmente es concebido en la disciplina, profundamente se ve afectada por estas críticas y tácticas de búsqueda y estrategias de supervivencia de estos desafíos. Gran parte de que han sido producidos, defendido y publicado por las nuevas generaciones de arquitectos, junto con artistas y otros actores, son difícilmente aceptado como proyecto. En este trabajo, se discuten algunos contornos de esta tendencia que yo llamo la arquitectura social, y su repercusión en el modo en que pensamos sobre el proyecto. A la continuación, acerco la cuestión de la perspectiva de mi experiencia en el programa de acción socio-ambiental, en el que la arquitectura y el urbanismo se disuelven junto a contextos del arte, de la artesanía y del activismo social: El Programa DESEJA.CA_Desenvolvimiento Sostenible y emprendimiento social en el Jardín Canadá.

PALABRAS-CLAVE: *arquitectura social; ética; extensión universitaria; activismo urbano.*

1 INTRODUÇÃO

Presenciamos, nos últimos anos, uma inflexão nos discursos produzidos no campo da arquitetura em direção a um engajamento político, no abarcamento de problemas relativos a desigualdades sociais, segregação e deterioração ambiental, refletidos e engendrados pelos processos de produção de espaço. Uma crescente crítica à vinculação, tanto da arquitetura notável quanto da produção ordinária, aos modos de privatização e segregação do espaço, aos meios de dominação do capital e a sua limitação quanto a sua efetiva contribuição na melhoria do meio-ambiente construído, é acompanhada por um crescente interesse e debruçamento sobre o problema da habitação social, das ocupações urbanas, das apropriações democráticas do espaço público, do direito à cidade. Nesse engajamento, que é profissional, político e ideológico, os limites da atuação do arquiteto se dissolvem perante campos da arte, da economia solidária, do design, do ativismo, da gestão política e muitos outros. A atividade de projetar, tal qual a concebemos tradicionalmente na disciplina, isto é, como a criação de edifícios, objetos ou materialidades no espaço através de um desenho que informará a sua construção, é profundamente afetada por essas táticas e estratégias de enfrentamento desses desafios. Muito do quem tem sido produzido, defendido e publicado pelas novas gerações de

arquitetos agrupados em chamados “coletivos”, junto a artistas e outros atores, é dificilmente aceito como “projeto”, o que gera desconforto perante os contornos tradicionais deste campo.

Neste texto, pretendo discutir alguns contornos desta tendência, a qual chamo de Arquitetura Social, e suas repercussões na maneira como pensamos o projetar. Debruço-me sobre a questão, procurando traços que lhe permitem uma definição e compreensão de seus argumentos, utilizando também da reflexão sobre minha experiência em programa de extensão de natureza socioambiental, em que arquitetura e urbanismo se dissolveram junto aos universos da arte, artesanato e ativismo social – o Programa DESEJA.CA_Desenvolvimento Sustentável e Empreendedorismo Social no Jardim Canadá.

Essas novas experiências provocam uma reflexão e revisão de vários pressupostos sobre o projetar e sobre o campo de atuação do arquiteto, que, embora apontem para novas possibilidades de atuação e dissolução de limites, levantam também pontos de crise que merecem ser discutidos para que o projeto de arquitetura não seja reduzido a cinzas, ou como diríamos popularmente, para não jogar fora o bebê junto com a água da bacia. O objetivo deste artigo é, então, problematizar o deslocamento da noção de projeto como *locus* da prática do arquiteto na medida em que este busca por sua relevância social.

2 O QUE É ARQUITETURA SOCIAL

Inicialmente, cabe tecer algumas explicações sobre uso do termo Arquitetura Social. Com este termo, não pretendo construir uma teoria, advogando por uma maneira específica de se fazer arquitetura. Ao contrário, pretendo apenas abrigar sobre este nome uma grande variedade de ações que se caracterizam como outras maneiras de se fazer arquitetura, alternativas aos modos de produção dominante e tradicionais. Poderia ter adotado termos já melhor trabalhados como é o caso do “Agenciamento Espacial” (*Spatial Agency*), proposto por Awan, Schneider e Till (2011), ou Urbanismo Tático, que foi tema de exposição no MOMA de New York, *Uneven Growth: Tactical Urbanisms for Expanding Cities*, de novembro de 2014 a maio de 2015. Nesses dois casos, há um esforço em argumentar o recorte das experiências incluídas, tanto no livro quanto na exposição, de uma maneira sistematizada, atribuindo consistência aos termos utilizados. Não temos aqui essa pretensão, embora me aproprie de alguns dos recortes propostos, principalmente por Awan et al. (2011).

Utilizo o termo Arquitetura, em detrimento do Urbanismo, por que pretendo me referir a um campo profissional, que, no caso brasileiro, mantém indissociável o arquiteto e o urbanista. Mesmo assim,



PROJETAR - 2015

Originalidade, criatividade e inovação no projeto contemporâneo:
ensino, pesquisa e prática. Natal, 30 de setembro a 02 de outubro.

focando em arquitetura, enfatizo o problema do campo de atuação tradicionalmente dominado pela prática do projeto, uma vez que, em urbanismo, as formas de atuação sempre foram das mais diversas.

O uso do adjetivo “social”, acrescentado ao termo arquitetura, pode atribuir-lhe duas conotações principais: a primeira refere-se, mais comumente, a contextos de atuação onde há pobreza, exclusão, vulnerabilidade e marginalidade, entendendo-se social como “problema social”; a segunda, num sentido mais amplo, refere-se a uma intenção de se fazer relevante para a sociedade, implica um desejo de contribuir efetivamente para a transformação da vida das pessoas, em tudo aquilo que implicar transformação espacial. Se a arquitetura pretende enfrentar esse desafio, é imprescindível compreender-se dentro do processo mais amplo da produção do espaço na sociedade atual, do que daquele do projeto, delimitado entre os condicionantes e as demandas do cliente e da construção. Nesse sentido, o acréscimo do adjetivo “social” pode ser aqui compreendido nos termos em que coloca Bruno Latour, no desenvolvimento de sua Teoria-do-Ator-Rede (ANT). Latour observa que o adjetivo social tem sido utilizado como um termo que atribui a um fenômeno qualquer uma condição específica, um tipo de material,

(...) como se o adjetivo fosse comparável, grosso modo, a outros termos como “de madeira”, de “aço”, “biológico”, “econômico”, “mental”, “organizacional” ou “linguístico”. (LATOURE, 2012, pg.17).

Em sua redefinição da sociologia como a “busca de associações”, alternativa a perspectiva tradicional da ciência social, advoga que:

O adjetivo social não designa uma coisa entre outras, como um carneiro negro entre carneiros brancos, e sim um tipo de conexão entre coisas que não são, em si mesmas, sociais. (LATOURE, 2012, pg.23)

Isso implica que compreender a produção da arquitetura do ponto de vista social seria considerá-la dissolvida numa rede onde vários atores, humanos (construtores, empreendedores, pedreiros, agentes imobiliários, moradores, etc.) e não humanos (leis, bancos, materiais de construção, computadores, etc.), se amalgamam a partir de sua própria ação, do lugar que ocupam na rede, das forças que produzem. A produção dessas associações é a própria produção do social. Esta perspectiva dissolve qualquer possibilidade de autonomia da arquitetura, como algo que pode existir fora do social, e coloca em xeque os padrões de qualidade e excelência arquitetônicos definidos internamente à disciplina, principalmente quando esses abrangem essencialmente a questão da forma, em termos de beleza, composição, proporção, ou mesmo de expressividade e representação.

De fato, uma das motivações para o surgimento de alternativas à atuação do arquiteto advém do reconhecimento da discrepância entre os valores cultivados na formação e teoria da arquitetura e os

valores da produção dominante de mercado, sendo que são esses últimos que se fazem valer na expansão das cidades contemporâneas, conformando paisagens repetitivas e segregadas. O profissional arquiteto cada vez mais se pergunta por que tem tão pouco poder decisório sobre a construção, ou por que lhe falta reconhecimento profissional. Quando se dá este reconhecimento, ou quando a autoria é valorizada, geralmente são em contextos onde o valor icônico da edificação é capturado como *commodity* de alto valor de mercado, ou produtor de alto capital cultural. Esse valor estará, portanto, condicionado a contextos e períodos de grandes investimentos em construção e sempre irá abrigar um número reduzido de arquitetos estrelas. E mesmo que essas produções singulares diferem da pobre produção massificada e ordinária do mercado, estarão, como observam Awan et al. (2011, p.39), inevitavelmente subjugadas aos ditames deste mercado, reduzindo-se novamente a qualidade arquitetônica ao âmbito do formalismo ou eficiência construtiva.

Portanto, o contexto propício para essas produções de “arquitetura social” não se dá só onde há pobreza, como no caso das cidades latino-americanas, mas também em contextos de reação a crises econômicas, onde a arquitetura notável tenha cumprido papel no contexto dessas crises. Refiro-me aqui especialmente ao caso da Espanha, contexto de surgimento de vários coletivos de arquitetura nos últimos 10 anos. A partir dos anos 1990, a Espanha engaja-se num *boom* construtivo, replicando o modelo de Bilbao, com custosas remodelações urbanas e a inserção de uma arquitetura icônicaⁱ. Foram produzidas belas obras, novas estrelas foram lançadas ao panorama internacional da arquitetura. Mas, em 2008, o sistema faliu, deixando edifícios vazios, inacabados e um rastro de destruição financeira, social e indignação que motivou o surgimento de grupos de arquitetos na busca de um urbanismo menor, de táticas de ação subversivas sobre o espaço, ações de denúncia, na busca de outra forma de fazer arquitetura. Dentre estes, se destacam os coletivos Recetas Urbanas, Inteligencia Colectiva, Todo por la Práxis, Basurama, Zoohaus e muitos outros. Logo, esses grupos estabeleceram rede com coletivos latino-americanos, como Lab.Pro.Fab na Venezuela, Arquitectura Expandida e Oficina Informal na Colômbia, Al Borde no Equador, etc..ⁱⁱ Esta rede se amplia e lança seus braços também sobre o Brasil, conectando-se com coletivos, escritórios modelos e grupos de pesquisa e extensão, como é o caso dos Grupos Indisciplinar, Praxis, MOM da UFMG.ⁱⁱⁱ

A produção do Espaço

Ainda problematizando a questão da autonomia da arquitetura e seus discursos de validação focados nos atributos formais, retomo a construção teórica de Henri Lefebvre sobre a produção do espaço social e sua crítica à redução que a arquitetura faz ao problema do espaço.



PROJETAR - 2015

Originalidade, criatividade e inovação no projeto contemporâneo:
ensino, pesquisa e prática. Natal, 30 de setembro a 02 de outubro.

A arquitetura não pode ser concebida senão como uma prática social, figurando com outras (por exemplo, a medicina) no conjunto prático que sustenta e suporta a sociedade atual (o modo de produção). (LEFEBVRE, 2008, p. 22-23)

Mesmo que a arquitetura preceda o atual modo de produção, Lefebvre nos faz ver que a produção do espaço no mundo moderno é uma produção do *bios* social, portanto, indissociável do cultural, do político e do econômico, inserida nos modos de (re)produção da sociedade. Não é apenas consequência, mas um instrumento interno aos mecanismos de reprodução das relações de produção e, portanto, atrelado à vida cotidiana.

(...) a re-produção das relações de produção não coincide mais com a reprodução dos meios de produção; ela se efetua através da cotidianidade, através dos lazeres e da cultura, através da escola e da universidade, através das extensões e proliferações da cidade antiga, ou seja, através do espaço inteiro. (LEFEBVRE, 2008, p. 7)

Ao considerar a arquitetura do ponto de vista da ampla e complexa problemática da produção do espaço inteiro, um axioma tradicionalmente aceito sobre a arquitetura acaba sendo questionado: arquitetura como construção. Como observa Awan et al. (2011, p. 31), em certas situações adicionar um edifício não seria a melhor solução para um problema espacial, haveria outras maneiras de fazer diferença espacial. Essa consciência crítica, contudo, não deveria implicar no abandono do saber da construção, mas, ao contrário, contribuir para a ampliação do campo da arquitetura para além dos problemas intrínsecos à forma e à tecnologia, considerando os aspectos intangíveis do uso e apropriação do espaço na vida cotidiana, da dinamicidade do processo de produção do espaço, dos conflitos e campos de força que atuam sobre o território, o que, inevitavelmente levaria a aceitar outras formas de intervenção no espaço para além da elaboração de projetos e construção de objetos.

É por isso que, ao se discutir a arquitetura social outra questão nos ressalta: a da dissolução dos saberes especializados e a valorização do compartilhamento de saberes de todos envolvidos, sejam técnicos ou leigos, arquitetos ou pedreiros, filósofo ou lixeiro. Nesse sentido, o termo arquitetura social mantém relações com o termo Tecnologia Social, que vem sendo desenvolvido no meio da própria ciência e nas instituições voltadas para políticas públicas, como alternativa à noção dominante de produção de conhecimento e tecnologia (fundada na visão neutra, essencialista e triunfante da ciência). De forma geral, Tecnologia Social refere-se a técnicas e metodologias transformadoras, desenvolvidas na interação com a população e associadas a formas de organização coletiva que representam soluções para a inclusão social e melhoria da qualidade de vida (LASSANCE e PEDREIRA, 2004, p. 66). Esta concepção da tecnologia tem como princípio a noção de inovação e abordagem sociotécnica, contrária à noção de tecnologia desenvolvida a priori pelos especialistas e

cientistas e então repassada a quem irá aplicá-la. Como inovação social, reconhece-se a ligação entre condições sociológicas e técnicas, e se considera que todos os atores sociais (não só os técnicos ou pesquisadores) devam participar do processo de produção de conhecimento e tecnologia.

Enfim, o que me refiro como **Arquitetura Social** abrange uma grande variedade de ações que se apresenta como alternativa aos limites de atuação da arquitetura dominante, seja a de mercado, seja a da alta cultura, em busca de novas estratégias de ação em territórios de vulnerabilidade social, em contextos onde a arquitetura sempre esteve alienada, ou se apresenta apenas como outras formas de atuação do arquiteto, abarcando ações articuladas a programas e projetos sociais, experimentos acadêmicos, eventos efêmeros e muitos outros. Também, são ações que não tem o profissional arquiteto como protagonista único, nem principal. O traço comum a essas experiências é o fato de visarem a uma relevância social, debruçando sobre problemas relativos à produção do espaço não abordados pela arquitetura tradicional, seja por desconsideração ou mesmo por incapacidade.

Não que a questão social nunca tenha sido considerada pelo campo da arquitetura antes, mas considero uma mudança na perspectiva do olhar para a questão. Pelo discurso da arquitetura moderna, os “novos” espaços e edifícios, os grandes projetos de remodelação urbana e grandes complexos habitacionais eram concebidos em função de princípios centrados na lógica dos objetos e da construção, no determinismo social e na crença na capacidade de controle pelo projeto (Arquitetura ou Revolução, nos diria Le Corbusier). Agora, trata-se de aprender com os espaços reais da vida, com o uso, com as táticas cotidianas, com as soluções existentes e daí encontrar os princípios e estratégias para uma produção do espaço que consigam burlar, ou subverter, o poder que segrega e domina. A arquitetura seria, assim, menor (como no sentido de “literatura menor” de Deleuze e Guatarri), menos determinística, menos controlada pelo arquiteto, menos previsível, e mais próxima do mundo da vida. Embora marginal, em essência, a arquitetura social vem solapando a supremacia do projeto e confundindo os contextos responsáveis pela reprodução da prática e saber tradicionais da arquitetura, como a escola e as organizações profissionais.

3 O CASO DO PROGRAMA DE EXTENSÃO DESEJA.CA

Ilustro o caso com a experiência de algumas ações do Programa de Extensão DESEJA.CA – Desenvolvimento Sustentável e Empreendedorismo Social no Jardim Canadá^{iv}. No período de 2011 a 2014, participei como uma das coordenadoras deste Programa, em parceria com a Professora Natacha Rena e o JA.CA - Centro de Arte e Tecnologia Jardim Canadá. O Programa reuniu um

conjunto de ações integradas e multidisciplinares, em bairro periférico da região metropolitana de Belo Horizonte, com o objetivo de atuar de diversas maneiras para colaborar com o desenvolvimento local e com a melhoria na qualidade de vida dos seus moradores. A principal estratégia de ação consistia na capacitação em artesanato e design, em oficinas que procuravam, a partir do mapeamento das forças que atuavam naquele território, do emprego de resíduos como matéria-prima e da inquietude artística, ultrapassar a escala do design e alcançar uma abrangência arquitetônica e urbana. O Programa já nasceu com o pressuposto da dissolução dos limites entre arte, design, arquitetura e urbanismo e com foco na intervenção sobre os processos de transformações territoriais e de produção do espaço de uma maneira que fossem reforçadas as qualidades da urbanidade e não sua aniquilação.

Apesar dessa indefinição dos limites dos campos de atuação do DESEJA.CA, e apesar do eixo principal de atuação ser nas oficinas de capacitação em artesanato e design com material reciclado, durante a vigência do programa, algumas ações se pretenderam mais próximas da arquitetura, com workshops de construção de objetos de intervenção urbana e arquitetônica. Esses workshops promoveram a troca de habilidades e experiências entre os diferentes participantes (estudantes, professores, moradores, artistas, artesãos, etc.) e a incorporação de metodologias de grupos externos já que a maioria contou com a participação de grupos de arquitetos, artistas, designers e ativistas brasileiros e principalmente latino-americanos, com trabalho de referência internacional em arte e arquitetura social.

Destaco aqui dois workshops: o “Casa da Ivete” e o “Cidade Eletronika”^v. O Casa da Ivete consistiu em um workshop no modelo de mutirão de autoconstrução, ocorrido entre março e julho de 2012. O Cidade Eletronika consistiu em evento cultural, em 2012, em que foram realizados workshops para a construção de equipamentos, objetos e mapeamentos para intervenção e ativismo urbano.

Casa da Ivete

O Casa da Ivete nasceu do desejo do Programa em atuar no ambiente doméstico, investigando o potencial para o uso de material reciclado junto à autoconstrução e processos de projeto colaborativos, que pudesse ser replicado por qualquer morador. A Ivete dessa história é funcionária do JA.CA e moradora do Jardim Canadá, para onde se mudou do interior de Minas Gerais com vários membros de sua família. Sua casa é um típico exemplo da arquitetura espontânea da autoconstrução. Foi erguida em meio-lote, com a ajuda de familiares, acrescida e adaptada ao longo dos anos, na



PROJETAR - 2015

Originalidade, criatividade e inovação no projeto contemporâneo:
ensino, pesquisa e prática. Natal, 30 de setembro a 02 de outubro.

medida em que a família crescia. Partindo da ideia de autoconstrução e colaboração, o DESEJA.CA entendia que a rede de solidariedade da Ivete deveria ser acionada novamente para a reforma em sua casa. A proposta da reforma começou a ser discutida junto a alunos de disciplina do curso de graduação em arquitetura e urbanismo da UFMG. Foi realizada uma série de mapeamentos e levantamentos, das condições, dos desejos e do cotidiano de Ivete e sua família, além de materiais alternativos e resíduos disponíveis para construção no bairro e coletados pela própria Ivete (telhas avulsas, recortes de pedra, peças de serralheria, etc.). Ao mesmo tempo em que se percebia que a situação da construção era muito mais precária do que a imaginada (mofo, infiltrações, circuitos elétricos precários, falta de saneamento adequado, etc.), conhecer a história da família entrelaçada na história das transformações da casa, revelava que os valores e desejos daqueles moradores priorizavam outras questões não técnicas, como a privacidade da vida doméstica, a importância da autonomia dos jovens adultos, a possibilidade constante de ampliação, a segurança, a sociabilização nos finais de semana e, enfim, a preocupação com a imagem. Ivete deixou revelar que seu desejo era que sua casa ascendesse da condição de informalidade, motivo pelo qual, segundo ela, tornava-a ponto de entulho e lixo dos vizinhos. Ansiava por uma nova fachada e pelo valor agregado que os artistas e arquitetos lhe trariam.

Embora a ideia fosse conceber a reforma com resíduos coletados pela Ivete e encontrados no bairro, as propostas para a casa seguiam formato de projeto tradicional, muito influenciado pelas técnicas de representação tradicionais. Com a contribuição do arquiteto colombiano Edgard Mazo, então artista residente no JACA, alunos e bolsistas de Programa finalizaram a proposta de projeto, utilizando maquetes, desenhos técnicos e colagens, que foi apresentada e discutida com Ivete. Sua recepção pareceu-nos favorável. Não questionou nada, nem pediu alteração alguma no projeto. Não haveria algo equivocado nisso? Estaríamos repetindo a tradicional relação arquitetos propositivos e clientes passivos?

O “projeto” que antecedeu ao mutirão consistia mais em uma direção de intenções, principalmente estética, sem definições específicas de materiais, sem detalhamentos e sem estudos prévios de viabilidade. Isso deveria ser realizado durante o próprio workshop, com a colaboração de todos envolvidos, solucionando coletivamente demandas e problemas que iriam aparecer na obra. Também, o material ainda a ser recolhido no bairro, iria indicar a maneira de sua apropriação na reforma. No entanto, a atividade de construção demandou muito mais do que se esperava. Após a limpeza do terreno, a primeira dificuldade foi com a necessidade de nivelamento topográficos. O

projeto subestimou a topografia original, ou, melhor, a necessidade de realização de terraplanagem sem maquinário próprio. Primeira lição da autoconstrução: as técnicas a serem adotadas possíveis devem considerar as ferramentas disponíveis. Outro problema emergente foi o surgimento de uma demanda de garagem, o que forçou muita revisão nas intenções iniciais do projeto. Soluções engenhosas foram propostas pela equipe, mas não viabilizadas pelo serralheiro, amigo de Ivete. Segunda lição na autoconstrução: as soluções tem que envolver quem as pode executá-las. Ao mexer no terreno, encontrávamos tubos de água e de energia, registro e fossa rudimentar que acabaram demandando mais revisão do projeto original. Terceira lição: na autoconstrução, todos os elementos e infraestrutura devem ser considerados sem hierarquias, a estética deve surgir dessas contingências, à vez de ser predeterminada.

Ivete observava de longe, sem intervenção, os arquitetos e artistas modificarem o projeto frente às dificuldades encontradas. Destaca-se a decisão de providenciar um pequeno arrimo de pneus para separar o terreiro frontal da casa do passeio. Solução, a nossos olhos, interessante e viável. No entanto, Ivete nada comentou, e foi esse o primeiro elemento que retirou após o final da obra.

Enquanto uma equipe atacava os impasses e desafios da obra, outro grupo, desenvolvia as cercas de *pallets* para instalação na divisa entre a casa de Ivete e de sua cunhada. Exploravam-se várias utilidades para essas cercas-estruturas: como canteiros, como suporte para guarda de bicicletas e ferramentas, ou mesmo como elemento estético, demarcador do território privado da casa. Vários painéis foram construídos no JACA e então transportados para a casa. Nova dificuldade foi encontrada no momento de fixar esses pesados painéis no solo. Depois de muita dificuldade para suas instalações, qual não foi a surpresa ao descobrir, depois de um final de semana, que a vizinha da Ivete, sua cunhada, havia se apropriado dos *pallets* restantes e cercado sua casa, de uma maneira muito mais simples que a nossa.

Mesmo depois da retirada da equipe de arquitetos, artistas e estudantes que invadiu a casa de Ivete, a casa continuou seu processo constante de mutação e transformação. As intervenções feitas, principalmente pela precariedade das técnicas utilizadas no mutirão, não resistiu ao tempo e uso. E o desejo principal de Ivete não foi alcançado: ainda joga-se entulho frente a sua casa. Percebeu-se que existiu um abismo entre o universo imaginado no projeto, concebido tradicionalmente por meio do desenho, e o espaço prático e dialógico da autoconstrução. O desenho representou formas e seus atributos físicos, não os procedimentos, técnicas e processos de construção, que foram demandados. Representou um produto acabado e não a dinâmica de transformação constante da casa. E por fim, o

desenho não atuou como mediação entre arquitetos e Ivete. Ivete se tornou cliente e não autora de sua própria casa, como sempre havia sido.

Figura 1: Transformação da Casa da Ivete



Fonte: DESEJA.CA, 2012

Cidade Eletronika – Workshop Arquibancadas

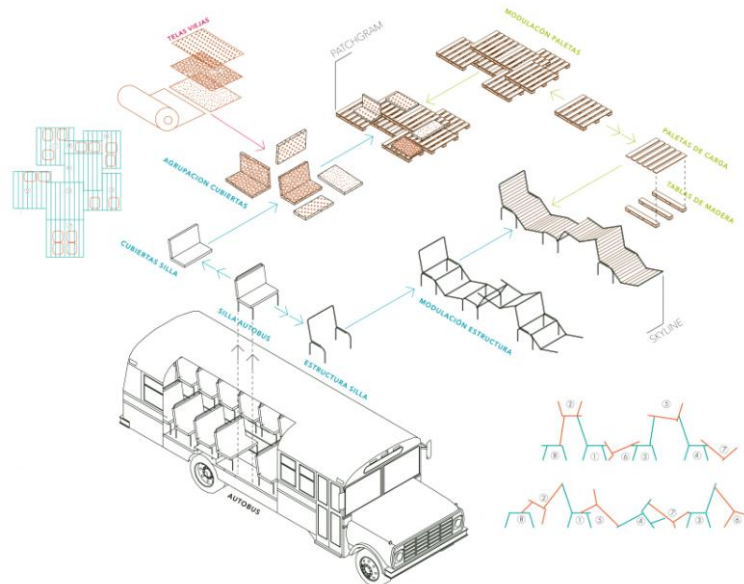
O Cidade Eletronika consistiu em oito workshops como programação do Festival Eletronika, ocorrido em Setembro de 2012, com curadoria de Natacha Rena e Lucas Bambozzi. Buscou-se com os workshops, segundo seus curadores, imergir alunos e professores de arquitetura, urbanismo, design e artes em um trabalho colaborativo com coletivos de arquitetura internacionais que permitisse a criação de múltiplos modos de apropriação do espaço urbano, confrontando a maneira como o urbanismo tradicional vem agindo junto à cidade. (INDISCIPLINAR, 2014). Assim, os workshops deveriam experimentar formas de trabalho colaborativo e inclusivo, dando voz ao que é comumente marginalizado pelo planejamento urbano elitista - mendigos, moradores de rua, feirantes, pipoqueiros, catadores de papel, grafiteiros, skatistas, *MC's*, sem teto, enfim, todo tipo de cidadão considerado marginal aos interesses de exploração econômica, turística ou cultural, atuando, pois, como ação engajada de ativismo político no espaço urbano. Cada workshop contou com um convidado. Os convidados formaram grupos com professores, arquitetos, designers e artistas locais para a condução de ações de construção colaborativa de dispositivos para ocupação urbana em dois momentos específicos: a festa Quintal Eletronika, que propunha uma transformação temporária da Rua Sapucaí, no Centro de Belo Horizonte, e o Duelo de *MC's* que ocorriam semanalmente no baixo do viaduto Santa Teresa.

Dos oito workshops, debruço-me aqui na experiência do Workshop 3 - ARQUIBANCADAS FUNCIONAIS MODULARES, sob coordenação de Alejandro Haiek^{vi}, do escritório Lab.Pro.Fab (Venezuela), com colaboração minha e de Marcela Silviano Brandão Lopes. Neste workshop foram desenvolvidos módulos que deveriam funcionar como arquibancadas para o Duelo de *MC's* e no Evento Quintal

Eletronika. Ademais às próprias estruturas a serem construídas, interessava a experimentação de um processo de projeto e construção colaborativos, a partir da experiência de Alejandro Haiek. O primeiro desafio do trabalho coletivo seria traçar um horizonte comum do objetivo da oficina. Uma primeira discussão do grupo procurou abordar quais seriam os objetivos das arquibancadas a partir de uma compreensão do que acontecia e estava envolvido no evento de *MC's*. Sem abordar o que viria a ser um conceito geral e tipológico de arquibancada, elabora-se a ideia de que essas infraestruturas deveriam propiciar várias formas de se assentar para ver e para ser visto. Seguindo com o objetivo geral dos workshops do Eletronika de reutilizar resíduos e materiais descartados, antes de qualquer traço, importava buscar esses resíduos ao mesmo tempo em que se reconheciam as técnicas e ferramentas disponíveis e possíveis de serem manipuladas pelo grupo. Foi em um ferro-velho de peças de ônibus que o grupo encontrou sua matéria prima. Na visita ao ferro-velho, vasculhando as peças ali disponíveis, especulando sobre seus potenciais, o grupo começou a discutir o que seriam as arquibancadas. Assim, foram recolhidos fragmentos de armações de cadeiras de ônibus e diversos estofados. A esses resíduos ajuntaram-se os já coletados pela organização do evento: *pallets* e retalhos de tecidos. Já no “canteiro de obras”, improvisado em uma escola na cidade, esses resíduos foram sendo manipulados na medida em que todos contribuíam para testar possíveis conformações das arquibancadas. Registros em fotos e desenhos eram feitos ao longo de todo o processo, não para apenas documentá-lo, mas para o próprio grupo poder retornar e avançar, para avaliar e discutir as várias hipóteses. Para a construção, técnicas simples de serralheria e marcenaria foram utilizadas, bem como foram desenvolvidas técnicas alternativas aos problemas encontrados durante a própria construção. No embate com esses problemas, as soluções surgiam a partir de diálogos e troca de ideias entre os membros da equipe. Além da construção, outro critério para a criação das arquibancadas era o da sua mobilidade. Como transportá-lo aos locais do evento? Isso demandava uma lógica de fácil desmonte e montagem, que acabou influenciando no desenho e nas técnicas de construção utilizadas.

Foram produzidas duas “arqui-bancadas”: o “Skyline” e o “Plataforma”. Esses equipamentos foram instalados no espaço público da Rua Sapucaí para a festa do Quintal Eletronika e então apropriados em diversas maneiras, previstas e não previstas. O Banco “Skyline” consistiu numa silhueta de picos e vales construída com as ferragens de bancos de ônibus soldados, cobertos por uma superfície de tábuas de madeira retiradas dos *pallets*. O Banco “Plataforma” assemelhava-se a um *lounge* na rua. Esta estrutura foi composta por *pallets* sobrepostos em vários níveis, unidos por barras rosqueadas aparafusadas, salpicados pelos assentos de ônibus revestidos por variados retalhos de tecido.

Figura 2: Diagrama dos processo de produção dos bancos Skyline e Plataforma



Fonte: Alejandro Haiek, LAB.PRO.FAB. 2013

O evento Cidade Eletronika foi um marco para o Programa DESEJA.CA, tanto no que diz respeito ao amadurecimento e reflexão de seus pressupostos, hipóteses e, principalmente, metodologias de ação, quanto na construção de redes de interlocução com outros atores, locais e internacionais, envolvidos em inquietações e investigações comuns. A repercussão para estudantes e professores que participaram, para além da equipe do DESEJA.CA foi sentida a partir dos rumos que muitos tomaram depois em sua vida acadêmica e/ou profissional. Para os estudantes de arquitetura, urbanismo e design, o resgate do trabalho manual, do saber construir, foi uma grande descoberta, tornando esse desejo uma nova e forte reivindicação dentro das escolas da área, principalmente para a Escola de Arquitetura da UFMG. Para o DESEJA.CA, em especial, destacam-se dois importantes legados dessa experiência: primeiro, uma melhor compreensão do que seja um processo colaborativo de projeto e construção, confirmando as falhas observadas no Workshop Casa da Ivete; e, segundo, o reconhecimento do potencial que podem ter pequenas intervenções efêmeras no espaço público para a mobilização social e compreensão destes.

4 REFLEXÕES FINAIS

A ampliação da práxis arquitetônica para outras maneiras de fazer arquitetura, para além da prática do projetar, a princípio não deveria ameaçar o projeto. Awan et al., cuidadosamente, tratam de rejeitar o termo *prática arquitetônica alternativa* para evitar uma postura reativa, evitando as tentações de “abandonar as habilidades arquitetônicas tradicionais de projeto e inteligência espacial.”

(p.26) No entanto, é fato que há um abandono e desvalorização do projetar, na medida em que esse legitima uma perspectiva da arquitetura distante e alienada aos processos de produção do espaço.

Vinculado à ideia de projeto está a ideia de representação. Martinez assim define o projeto:

O desenho é a invenção de um objeto *por* meio de outro que o precede no tempo. O projetista opera sobre este primeiro objeto, *o projeto*, modificando-o até julgá-lo satisfatório. Em seguida, traduz suas características em um código adequado de instruções para que seja compreendido pelos encarregados da materialização do segundo objeto, o edifício ou a “obra”. (MARTINEZ, p.11)

Nesta citação, que traduz uma perspectiva tradicional sobre o projeto, fundada ainda no Renascimento, está visível o distanciamento entre projetistas e executores, a importância do autor, e o papel do desenho codificado, que legitima o saber técnico daqueles que conhecem o código. No entanto, Lefebvre nos atenta para dois aspectos do código/desenho: seu caráter redutor e sua vinculação aos limites que definem a profissão, o ofício, na divisão social do trabalho. O código traz em si a tradição e os meios de reprodução das relações sociais existentes. Legitimando a profissão, agindo como um filtro, selecionando esta ou aquela parte do real, acreditando “produzir”, o desenho do arquiteto não controla a sua decodificação.

A voz, a mão, o instrumento, acreditam exprimir (reproduzir) quando agem (...), mas o produto deste trabalho não tem as qualidades e as propriedades que o autor lhe atribui. Ele faz outra coisa do que diz e crê fazer. (LEFEBVRE, 2008, p.27)

Pelo desenho, pelo projeto, o arquiteto acredita determinar os aspectos tangíveis da construção, sua materialidade. No entanto, poderia incidir sobre o uso, sobre as possibilidades de apropriação dos espaços que projeta? É sobre este aspecto que pretendo concluir este texto.

A crítica ao determinismo modernista do par forma-função, por um lado, e à submissão da arquitetura às relações de poder, por outro, tem sido respondida, desde os anos 70, com um caminho da disjunção entre forma, a materialidade (ou *physique*) e seu conteúdo, sua moral e ética (ou *morale*, usando os termos de Colin Rowe^{vii}). E as tendências migram excessivamente para um lado ou outro, da forma ou da ética. O entrincheiramento da produção arquitetônica dominante de alta cultura nos problemas formais linguísticos, ou na consolidação de um estilo moderno, capturado e institucionalizado, se deu paralelamente a um caminho de deslocamento, de dissolução da arquitetura nas ações de gestão, participação, políticas públicas, organização do canteiro, e programação de eventos. Se para um a forma é a redenção, para o outro a forma é pecado.

Acredito em um caminho híbrido. Trata-se de repensar o projetar. Como na práxis engajada de Alejandro Haiek, mesmo que suas ações não envolvam os caminhos tradicionais do projeto,



PROJETAR - 2015

Originalidade, criatividade e inovação no projeto contemporâneo:
ensino, pesquisa e prática. Natal, 30 de setembro a 02 de outubro.

reconhece que o arquiteto tem importante papel como mediador, importando seu saber sobre o espaço, sobre a materialidade da construção e sobre a relação entre organização espacial e usos.

6 AGRADECIMENTOS

À FAPEMIG e MEC/SESU.

7 REFERÊNCIAS

AWAN, N.; SCHNEIDER, T.; TILL, J. *Spatial Agency: other ways of doing architecture*. New York: Routledge, 2011.

__ *Spatial Agency*. Disponível em: <http://www.spatialagency.net>

BRENNER, Neil. *Is Tactical Urbanism an alternative to neoliberal urbanism?* Abril, 2015. Disponível em: <https://vanhoben.wordpress.com/category/urban-studies/short-articles/>

INDISCIPLINAR - Grupo de Pesquisa CNPQ, UFMG. Cidade Eletronika 2012: origem do Indisciplinar. 14 março de 2014. Disponível em: <http://blog.indisciplinar.com/cidade-eletronika-2012-origem-do-indisciplinar>.

LATOUR, Bruno. *Reagregando o Social: uma introdução à teoria do Ator-Rede*. Salvador – Bauru: EDUFBA – EDUSC, 2012.

LASSANCE JÚNIOR, A. E.; PEDREIRA, J. S. Tecnologias sociais e políticas públicas. In: BAVA, S. C.. *Tecnologia social – uma estratégia para o desenvolvimento*. Fundação Banco do Brasil, Rio de Janeiro, 2004.

LEFEBVRE, Henri. *Espaço e política*. Belo Horizonte: Editora UFMG. 2008.

MARTINEZ, Afonso. *Ensaio sobre o Projeto*. Brasília: Editora UnB, 2000.

PASTORELLI, Giuliano. "Se acabó la fiesta". La Arquitectura Española de los últimos 20 años. 22 dez 2011. *Plataforma Arquitectura*. Disponível em: <http://www.plataformaarquitectura.cl/cl/02-126410/se-acabo-la-fiesta-la-arquitectura-espanola-de-los-ultimos-20-anos>. Visualizado em 28 Jun 2015.

ⁱ Sobre o caso da Espanha ver o documentário “**Se acabó la fiesta**”, emitido pela Cadena 2 da RTVE, disponível em: <http://www.plataformaarquitectura.cl/cl/02-126410/se-acabo-la-fiesta-la-arquitectura-espanola-de-los-ultimos-20-anos>

ⁱⁱ As colegas Natacha Rena, professora da UFMG, e Talita Lessa, mestranda da UFAL, têm investigado o histórico e a trajetória desses grupos e sua influência na América Latina. Aguardamos publicação do texto sobre essa pesquisa: “Coletivos ativistas de arquitetura na iberoamérica: Uma nova arquitetura construída por e pelo comum?”

ⁱⁱⁱ Importante destacar que não pretendo construir uma genealogia desses movimentos, afirmando que os casos aos quais me referi na UFMG sejam descendentes daqueles espanhóis. Importa apenas afirmar que há uma tendência para que esses movimentos se conectem, cada vez mais, em ampla rede internacional.

^{iv} Já discutimos, em trabalho de minha autoria com Natacha Rena, este Programa e os referenciais teóricos que nos influenciaram no delinear dessas ações de extensão e pesquisa. MIRANDA; RENA. Programa DESEJA.CA: dissolução dos limites entre arte, design, arquitetura e urbanismo. In: *Anais do II ENANPARQ – Encontro Nacional de Pesquisa em Arquitetura*. Natal: EDUFRN, 2012.

^v A produção do DESEJA.CA está disponível no Blog do Programa: programadesejaca.wordpress.com.

^{vi} Haiek destaca-se como importante articulador de intervenções urbanas, atuando em várias cidades pelo mundo, em intensos trabalhos de imersão e envolvimento com moradores, artistas, políticos, acadêmicos. Sua experiência inicia-se na Venezuela, tendo atuado, com o escritório Lab.Pro.Fab, em várias ações de transformação e apropriação de espaços públicos em contextos marginais, em uma forma de ação distante da prática comum de escritório. Ver: www.facebook.com/LABPROFAB.

^{vii} Colin Rowe propõe essa disjunção entre conteúdo (morale) e forma (pysique) em seu artigo “*Program versus Paradigm: otherwise casual notes on the pragmatic, the typical and the possible*” in *As I Was Saying*, vol 2. Cambridge: MIT Press, 1996.